

A AUSÊNCIA

Ele se foi pela rua, como todo dia faz, e eu observo o desaparecimento lento de sua silhueta até que ela se torne um pontinho invisível.

Fico parada alguns segundos, como quem escuta um eco. Os outros pedestres passam apressados, celulares na mão, mochilas às costas, olhares mergulhados nas urgências do dia. Para eles, é apenas mais um homem caminhando, engolido pela esquina. Para mim, é um acontecimento cósmico: um eclipse em câmera lenta, a luz se retraíndo atrás do prédio amarelo da frente, prometendo reaparecer ao final da tarde, exatamente às seis e quarenta, quando a chave girar na fechadura e o cheiro de ônibus, café requentado e papel amassado entrar casa adentro junto com ele.

É curioso como a ausência tem mais textura que a presença. Quando ele está aqui, é um conjunto de hábitos: o chinelo arrastando no corredor, a caneca preferida que insiste em deixar ao lado da pia em vez de dentro dela, o jornal dobrado sempre no caderno de cultura, como se o resto do mundo — a guerra, as crises, a inflação — pudesse ser adiado indefinidamente em nome da crítica de um livro novo. Quando ele está, é isso: ruídos, pequenos aborrecimentos, gestos repetidos. Quando ele vai, torna-se ideia, e a ideia cresce, cresce, ocupa todos os cômodos, como um perfume que alguém espirrou no quarto e que se insinua pelo corredor, pela sala, até chegar à cozinha e às plantas da área de serviço.

Talvez seja esse o segredo dos casais que duram: precisam se despedir todos os dias, ainda que seja por poucas horas. A rotina é uma forma discreta de saudade cronometrada. A gente finge que não, que é só trabalho, só horário, só ponto batido, mas no fundo o que fazemos é ensaiar, diariamente, o pequeno drama da perda e do reencontro. Ele anda até a esquina, eu o acompanho com os olhos, a silhueta some, e eu preciso aprender a viver sem ele até o fim do expediente. Essa aprendizagem dura exatamente o tempo entre a xícara de café e o prato do almoço, entre o e-mail respondido e a louça lavada; uma espécie de curso intensivo em desprendimento, ministrado pelo relógio da parede.

A rua, que agora me parece vazia, não está vazia de fato. Há um cachorro farejando o poste, um ciclista que passa veloz demais, o sujeito do piano de rodinhas que insiste em tocar “Asa Branca” numa versão sofrida, e a senhora do segundo andar que observa tudo de cima, como se a janela fosse a bancada de um júri permanente. Mas, para mim, a principal ausência é um buraco móvel: o lugar exato que ele ocupava há pouco, preenchido agora por uma espécie de promessa invisível. É ali, exatamente ali, que o mundo me diz: calma, ele volta.

Aprendi a decifrar o bairro pelo modo como ele o atravessa. A padaria da esquina é o território do café apressado, tomado em pé, quando o ônibus ameaça chegar antes do costume. A banca de jornal funciona como um relógio: se ele se detém para folhear as manchetes, é porque está adiantado; se passa direto, sem nem olhar, sei que vai chegar esbaforido. Há ainda o semáforo com o tempo mais curto do que deveria, a faixa de pedestres mal pintada, o bar da esquina onde o dono o cumprimenta com um aceno de cabeça — cumplicidade de quem partilha a mesma rua sem compartilhar a mesma vida.

Eu, do lado de cá da janela, vou costurando cada um desses pequenos rituais numa espécie de narrativa doméstica. Penso que a vida é isso: um romance que escrevemos a quatro mãos, mas em que raramente nos damos conta do enredo. Quando percebo, o capítulo já virou página, o dia já avançou, e aquilo que ontem parecia decisivo — um olhar atravessado, uma palavra mal colocada — recua para o tamanho exato de um rodapé.

Enquanto ele se afasta, lembro-me da primeira vez em que o vi ir embora. Não era ainda nosso “ir embora de todo dia”, essa liturgia matinal que hoje se repete com a segurança de um rito antigo. Era uma partida incerta, sem garantias de retorno, como tantas que a juventude encena sem saber que está em pleno teatro do acaso. Ele caminhava rumo ao ponto de ônibus, e eu, sem coragem de confessar a importância daquele gesto, fingi indiferença, como quem diz “não faz diferença se você vai ou fica”. Fazia toda. Minha garganta sabia, meu estômago sabia, até o ar entre nós sabia — só eu, orgulhosa, fazia de conta que não.

De lá para cá, colecionamos despedidas de tamanhos diversos: as pequenas, de todos os dias; as médias, de viagens de trabalho; e as grandes, de brigas em que a palavra “fim” pairou no ar como uma tempestade que não se decide se cai ou se passa ao largo. Em todas elas, porém, havia o mesmo desenho: a silhueta dele diminuindo, a minha vontade de chamá-lo de volta, o urbanismo colaborando com suas esquinas, seus postes, seus carros, como se a cidade inteira conspirasse ora a favor, ora contra o nosso recomeço.

Hoje, no entanto, a cena é outra. Não há mais drama. Há, quem diria, uma espécie de confiança estranha. Não uma confiança cega, dessas que ignoram o fato de que o mundo é vasto, as tentações são muitas e as pessoas, mutáveis. É uma confiança miúda, humana, construída à força de cafés compartilhados, contas pagas a dois, noites maldormidas em plantões de hospital, esperas em corredores de repartição, visitas a familiares que insistem em fazer as mesmas perguntas há anos. É uma confiança que não se alimenta de grandes declarações, mas de pequenos retornos: ele volta. Sempre volta. E não porque esteja preso a mim, mas porque, de algum modo, descobrimos que é aqui o lugar natural um do outro.

Penso nisso enquanto recolho a xícara na mesa. O café já esfriou, uma poça escura no fundo de porcelana. A marca que a xícara deixou no tampo de madeira faz um círculo perfeito, como um carimbo temporário da presença dele. Ele bebe rápido demais, eu sempre digo, mas talvez seja essa pressa que faz o café funcionar como souvenir. Se ele o tomasse devagar, não haveria esse resto para me lembrar que estive aqui, pouco antes de se lançar rua afora.

Na estante, os livros em fileira olham para mim com um ar de testemunhas silenciosas. Eles também já o viram partir muitas vezes, carregando um volume debaixo do braço, como quem leva um amuleto. Às vezes, penso que ele só suporta deixar a casa porque leva um pedaço dela dentro da mochila: um livro, um bilhete meu esquecido no meio das páginas, um guardanapo com anotações aleatórias. Coisas pequenas, mas suficientemente densas para fazer o papel daquele fio de Ariadne que guia o herói de volta ao seu labirinto doméstico.

A cidade lá fora, com seus ruídos e seus anúncios, tenta seduzi-lo com promessas de outras vidas possíveis. Vitrines, outdoors, ofertas, apartamentos decorados, carros reluzentes. Tudo brilha, tudo pisca, tudo sussurra: “você poderia ser outro, morar em outro lugar, usar outra camisa, ter outra história”. E, ainda assim, ao fim do dia, é para cá que ele volta. Talvez porque tenha entendido — e eu também — que as cidades são abismos disfarçados de oportunidade, e que é preciso ancorar-se em algum afeto para não se perder para sempre.

Costumo imaginar que, enquanto trabalha, enquanto conversa com colegas, enquanto discute prazos e resolve problemas, existe um fio invisível ligando a cadeira dele à cadeira desta cozinha. Um campo imantado, como eu pensava há pouco, estendido pela cidade, atravessando ruas, viadutos, filas de ônibus, fazendo o percurso diário de ida e volta. Não é nada místico; é pura geografia afetiva. O mundo é repartido entre os lugares onde esperamos alguém e os lugares onde somos esperados. O resto é território neutro.

Quando o relógio se aproxima das seis, começo a ouvir os sinais da volta: o ronco mais intenso dos ônibus subindo a rua, os passos apressados dos vizinhos, o barulho metálico das portas de ferro se fechando nas lojas. Há um momento em que a luz do dia se esgarça, tornando-se cinza, e é como se a cidade respirasse fundo antes de mergulhar na noite. É nesse exato instante que a promessa da manhã começa a se cumprir.

Ele surge novamente na esquina — a mesma silhueta alta, agora em sentido contrário. O corpo parece cansado, os ombros ligeiramente caídos, a pasta na mão esquerda mais pesada do que quando saiu. E, no entanto, há algo de leve nesse retorno: como se o simples ato de refazer o caminho já o aliviasse de parte do peso invisível do dia. Ao vê-lo, tenho a estranha sensação de que o círculo se fecha: aquela imagem distante da manhã, diminuindo até desaparecer, encontra a sua

contrapartida perfeita neste homem que reaparece, ampliando-se a cada passo, até preencher o espaço de sempre, o nosso espaço.

Quando a chave gira na fechadura, não é apenas a porta que se abre. É também a narrativa que continua. Poderíamos dizer “olá” como quem cumpre um protocolo; mas, na verdade, o que trocamos, com um simples olhar, é a confirmação de que o campo magnético funcionou mais uma vez. Ele poderia ter se desviado — um bar a mais, um convite qualquer, uma decisão impulsiva — e, no entanto, escolheu voltar para este eixo doméstico em que nossas órbitas se cruzam.

Talvez o amor, afinal, não seja feito dos grandes momentos cinematográficos que a publicidade vende, mas dessa física discreta, quase banal, que faz com que duas pessoas continuem a girar uma em torno da outra, sem se chocarem nem se perderem no espaço. Não é uma lei escrita em mármore; é um acordo tácito, renovado em cada despedida e em cada reencontro.

Enquanto ele coloca a pasta sobre a cadeira, tira os sapatos e suspira, penso que amanhã tudo se repetirá: a xícara de café, a silhueta na calçada, o sumiço na esquina, a rua que finge estar vazia, o campo imantado que o reconduz. E, por um instante, sinto uma gratidão quase infantil por essa rotina que, vista de fora, poderia parecer monótona, mas que, para mim, é a prova diária de que, apesar de todos os possíveis destinos, ele insiste em fazer de mim — e desta casa, e desta rua, e desta vida compartilhada — o seu lugar natural.